

ECONOMIA EM AGOSTO DE 2026

A principal novidade do mês foi a consolidação da postura mais cautelosa dos bancos centrais das economias desenvolvidas. Nos Estados Unidos e na Europa, a combinação de atividade resiliente, inflação ainda elevada e pressão nos preços de energia mantém o viés de aperto monetário. Em contraste, a China segue enfrentando perda de dinamismo econômico, enquanto o Brasil continua em um ciclo de flexibilização monetária, apesar dos riscos eleitorais e da deterioração das expectativas.

Nos Estados Unidos, a atividade econômica permaneceu forte no início do terceiro trimestre. A indústria segue em expansão, o mercado de trabalho surpreendeu positivamente e a inflação mostrou alguma melhora, embora ainda permaneça acima da meta. Diante desse cenário, aumentou a probabilidade de novas elevações de juros pelo FED, com os próximos dados de inflação sendo decisivos para a definição da política monetária.

Na Área do Euro, os indicadores de atividade apresentaram melhora em relação ao primeiro semestre. O crescimento econômico segue moderado, com recuperação das encomendas externas e do emprego. Apesar da aceleração da inflação cheia por conta da energia, os núcleos de inflação permanecem comportados, sustentando a expectativa de uma alta adicional de juros pelo BCE, ainda dentro de um ciclo relativamente limitado.

Na China, a desaceleração econômica continua evidenciada pela fraqueza do setor imobiliário, dos investimentos e da demanda doméstica. Por outro lado, os segmentos ligados à tecnologia e às exportações mantêm desempenho robusto, reforçando a dependência da economia chinesa da demanda externa. As medidas de estímulo anunciadas devem contribuir apenas para uma recuperação gradual ao longo do restante do ano.

No Brasil, a atividade econômica segue desacelerando gradualmente. Embora o PIB tenha sido sustentado pela agropecuária, o consumo das famílias mostrou perda de força. O mercado de trabalho, por sua vez, continua aquecido, com desemprego baixo e renda real em alta. A inflação apresentou melhora recente, mas ainda influenciada por fatores temporários.

Diante desse cenário, a expectativa é de um corte de 25 pontos-base na Selic em setembro. Apesar da moderação da atividade, o mercado de trabalho resiliente e a piora das expectativas de inflação recomendam cautela, especialmente em um ambiente que ainda reúne riscos relacionados à energia, alimentos e câmbio.

Nesse contexto, interromper temporariamente o ciclo de cortes após setembro poderia dar mais margem de manobra à política monetária. Diante das incertezas fiscais e da piora nas expectativas, manter a taxa de juros em patamar contracionista por um período adicional teria um custo limitado. Para 2027, a continuidade dos cortes dependeria da reancoragem das expectativas de inflação, de sinais mais evidentes de desaceleração da atividade econômica e da ausência de novos choques de oferta.

ÍNDICES	MÊS	ANO	12 M	24 M	36 M	48 M	60 M
CDI	1,09%	9,33%	14,63%	29,38%	43,89%	63,39%	80,05%
IMA-S	1,11%	9,47%	14,83%	29,89%	44,70%	64,69%	82,31%
IDA-DI (CRÉDITO PRIVADO)	1,09%	9,81%	14,92%	30,90%	50,36%	69,61%	90,50%
IMA-B	1,58%	6,75%	11,00%	16,12%	22,29%	39,13%	46,84%
IRF-M	1,04%	7,06%	12,06%	24,50%	34,78%	54,95%	64,51%
DÓLAR	2,05%	-5,83%	-4,51%	-8,39%	5,28%	0,05%	0,74%
IBOVESPA (AÇÕES BRASIL)	-0,33%	10,11%	25,45%	30,45%	53,29%	61,99%	49,37%
MSCI WORLD (Moeda original)	2,48%	12,13%	18,91%	35,69%	66,37%	89,09%	58,15%
NASDAQ (Moeda original)	3,93%	13,46%	22,91%	48,87%	87,89%	123,18%	72,82%
S&P 500 (Moeda original)	2,62%	12,28%	18,98%	36,08%	70,51%	94,34%	69,95%